

Abril 2014



BIBLIÔINFORMA

Boletim eletrônico das Bibliotecas da EBP

Maria Josefina Fuentes (Diretora Secretária da EBP)
Tânia Abreu (Coordenadora da Comissão de Bibliotecas da EBP)



**Escola Brasileira
de Psicanálise**

Bibliô #09

Abril 2014

Boletim eletrônico das Bibliotecas da EBP

Tânia Abreu (Diretora da Comissão de Bibliotecas da EBP)

Editorial

Neste número do boletim Diretoria na Rede encontraremos um tributo ao sofrido período do golpe militar no Brasil, que completa seu cinquentenário. Para combater e contracenar com o cenário negro imposto pelos militares a arte, os livros, a música foram os aliados de nossa intelectualidade.

Neste Bibliô vemos que a contracena proposta pelas bibliotecas da EBP tem como pano de fundo a poesia Mallarmeniana, sempre referenciada a de James Joyce na nossa comunidade analítica, como podemos acompanhar em debates sobre filmes que aludem à escrita deste autor. Nossas seções e delegações encerram o mês de março com as águas geradas pela poesia deste poeta obscuro e abrem o outono com o lançamento, na EBP, do livro do colega Joseph Attié, *Mallarmé, O Livro. Estudo psicanalítico*. As atividades propostas incluem debates com interessados e especialistas em Mallarmé de outras áreas, assim como a exibição do vídeo de apresentação do livro feita pelo autor, Joseph Attié.

A equipe do Bibliô Referência, liderada por Mirta Zbrum, contribui com o estudo do livro de Attié apresentando o primeiro texto sobre o mesmo escrito por Heloísa Caldas e intitulado *Uma perda seca*. Heloísa centra seu comentário sobre no matema *sinthomático* do autor.

Por outro lado, as Bibliotecas, cumprindo sua tarefa de contribuir com a formação do analista, discutem o Real do século XXI incluindo aí a temática do trauma e da violência, eixos centrais do XX Encontro do Campo Freudiano no Brasil que acontecerá em novembro de 2014 na cidade de Belo Horizonte.

Boa leitura!

ATIVIDADES NAS SEÇÕES E DELEGAÇÕES

EBP-MG – Diretora de Biblioteca – Laura Rubião

Mallarmé ficou conhecido como aquele outorgou ao poeta a missão de “ceder a iniciativa às palavras” desde que elas pudessem endossar uma ‘crise do verso’, que é também crise da narrativa descritiva e da representação. O seu gesto nos faz deparar com o ponto ilegível e inacabado d’O Livro porvir, por meio de uma escrita que, como letra, tangencia o real.

O Livro de Joseph Attié sobre a obra do poeta surge como uma fonte inesgotável de trabalho para explorarmos essa vertente do que “não cessa de não se escrever”.

Abril – 29

A escrita e o real: lançamento do livro Mallarmé O Livro, estudos psicanalíticos de Joseph Attié

Responsável: Márcia Rosa

Comentários: Yolanda Vilela

EBP-RIO – Diretor de Biblioteca – Fernando Coutinho

CONTECEU

Resenha da Noite da Biblioteca do dia 10 de fevereiro de 2014

Na noite de 10 de fevereiro de 2014, a convite da Diretoria da EBP RJ e de Fernando Coutinho, nosso diretor de Biblioteca, Manoel Barros da Motta e eu, Elza Marques Lisboa de Freitas, tivemos a oportunidade de comentar o excelente filme “Os vivos e os mortos” cuja direção foi de John Huston.

Esse filme foi feito sobre um conto de James Joyce, “Os mortos”. Manoel Mota nos falou sobre os temas recorrentes em Joyce, tal como o da “epifania”, acontecimento também abordado por Elza como tendo sido enfatizado pelo diretor no tratamento que dá da história. Ele nos diz também da escolha que Lacan faz, na intensão de estudar a psicose, em outras obras de Joyce, principalmente em “Ulisses”, quando o autor recorre a um uso especial da língua inglesa, especialmente os neologismos. Manoel entre tantas outras contribuições ressalta a importância que a música tem na obra de Joyce, importância que ganha mais relevo ainda, pois a música, no livro descrita com palavras, no filme aparece não na palavra mas na sonoridade, diretamente. Observação equivalente fiz eu, quando aponto que Huston, para mostrar a importância que Joyce dá ao que chama de “paralisia”, uma estagnação da sociedade como um todo, na política, nos hábitos imutáveis, no convívio social, ao dirigir a filmagem insiste no caráter repetitivo das situações, dos diálogos, no movimento lento da câmera sobre objetos, por sinal muito lindos, em uma mesa. A crítica política surge também no diálogo do personagem principal com uma jovem senhora, feminista sem dúvida, que o checa em sua estagnação. Sua técnica nos traz um distanciamento enevoado, como uma nevasca que se prolonga no lusco-fusco encobrindo os vivos e os mortos.

Nossa sala, com um bom número de convidados, foi animada por perguntas e comentários. Tivemos inclusive a presença de algumas pessoas de fora, com alguns estudantes da PUC.

Pessoalmente agradeço a Fernando a oportunidade tão rica e interessante.

--

Elza Marques Lisboa de Freitas

EBP-SC Diretora de Biblioteca – Laureci Nunes

Noites de Biblioteca

03 abril 2014 –

Deus e o Sujeito suposto saber – Carmen González Táboas, por Eneida Medeiros Santos

Causa – Claudio Godoy, por Maria Teresa Wendhausen

Progresso – Jesús Ambel, por Silvia Espósito

Horário: 20h30

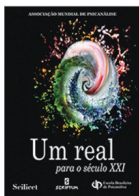
Coordenação de mesa: Flávia Cera

Atividade aberta e gratuita - local sala 903, sede EBP-SC.

Coordenação: Laureci Nunes – diretora de biblioteca da EBP-SC



Escola Brasileira de Psicanálise - Seção Santa Catarina convida para
Noites de Biblioteca



Verbetes do Scilicet pelos tradutores

Atividade preparatória para o IX Congresso da AMP:
Um real para o século XXI (Paris, 14 a 18 abril 2014)

- Deus e o Sujeito Suposto Saber - Carmen González Táboas, por Eneida Medeiros Santos
- Causa - Claudio Godoy, por Maria Teresa Wendhausen
- Progresso - Jesús Ambel, por Silvia Espósito

Coordenação da mesa: Flávia Cera

Dia 03 de abril de 2014 às 20:30h.
Rua Jerônimo Coelho, 280. Edifício Sudamers: Sala 901
Atividade aberta e gratuita
Mais informações: (48) 3222-2962
www.ebpsc.com.br

ACONTECEU**Noites de Biblioteca EBP-SC**

A primeira atividade de 2014 iniciou a série das Atividades Preparatórias para o IX Congresso da AMP.

Nesta noite foram apresentados, por seus tradutores, quatro verbetes que compõem o *Scilicet*, Um real para o século XXI..

O primeiro deles, *Decifração*, de Marie Hélène Brousse, foi apresentado por Luis Francisco E. Camargo que destacou a relação desta com a interpretação. Luis Francisco acentuou o caráter do não acréscimo do sentido nesta operação que, ao contrário, funcionaria como uma chave para a logicificação do ordenamento da série dado pelo significante mestre.

O segundo verbete, *Silêncio*, de Claudia Lijstinstens, foi apresentado por Laureci Nunes que trouxe à baila a discussão entre o silêncio pulsional e o do analista apresentando uma série de desdobramentos das formas de apresentação do silêncio, entre elas o que a mulher guarda no seu gozo, o *gozausência*, o mutismo do silêncio no coração do fantasma, o silêncio da culpa e da vergonha, para elucidar o silêncio do analista, silêncio vital, que se enlaça com o desejo.

O *Imaginário* foi o terceiro verbete apresentado por Cinthia Busato, de autoria de Debora Nit-zaner. Deste verbete, Cinthia destacou os três momentos abordados no texto, a saber: o Estádio do Espelho, sua transformação em objeto *a* e sua relação com o real. Estes três tempos foram trabalhados na perspectiva da pergunta inicial do texto: o imaginário é o que era? Na sua última vertente, a da relação com o real, diante das ofertas e variedades de gozo do século XXI, e da dificuldade da prática do “sem igual”, colocou-se a instigante pergunta de Débora que encerra o texto: “é por acaso que o imaginário tenta prevalecer à desordem do simbólico?”

O último verbete, apresentado por Oscar Reymundo, foi o *Um (Y’a d’l’Un)* de Xavier Esqué. Oscar acentuou o trânsito no ensino de Lacan no qual questionou a supremacia do simbólico sobre o real e este questionamento “significa que Lacan descobriu que, assim como o simbólico é a mola do imaginário (por isso falamos de efeitos imaginários do simbólico), o real é a mola do simbólico”. Este novo tempo do ensino de Lacan é marcado pelo Há-Um e pelo “não há relação sexual”, pelo buraco e não pela falta, marcado pela existência e pelo *sinthome*, enfim, pelo Um e sua repetição e pelo real como contingência. Este movimento de Lacan aponta para uma mudança de rumo na clínica e para um novo posicionamento político da psicanálise, essenciais para pensar o século XXI uma vez que : “de um lado, as manifestações do real neste século se apresentam de forma dispersa e desordenada, o encontro com Um real é sempre, pela sua contingência, singular para cada um. E de outro lado, precisamente aí onde, o simbólico amarrava e agora falta, encontraremos todas as bricolagens com o real que cada um tenta realizar e que as sociedades concebem para poder dispor as relações entre os homens”.

Leonardo Scofield, que coordenou a mesa, convidou ao debate orientando sua leitura dos quatro verbetes pela via da desmontagem da defesa contra o real amarrando-a com cada uma das linhas propostas nos eixos temáticos do IX Congresso da AMP.

À pergunta que abriu esta Noite de Biblioteca, “o real muda com sua época?”, poderíamos acrescentar outra que, de certo modo, está sempre circulando, sobretudo, em tempos de grande desordem no real: como analisar hoje?

Por Flávia Cera

Delegação Paraíba – Diretora de Biblioteca – Cristina Maia**ACONTECEU****SOIRÉE NA DPB – Cinema e Psicanálise**

Esta atividade vem trazendo um excelente público para a DPB, pois é um momento em que nos servimos dos filmes para que cada participante possa fazer seus comentários, articulações com a psicanálise, com um debatedor encarregado de sustentar a discussão.

Em 18 de março, vimos ‘O lado bom da vida’, com Sandra Conrado como debatedora. Mos-

tramos flashes do momento.

O próximo encontro será em 15 de abril, quando discutiremos o filme Claudel, os debatedores serão as próprias coordenadoras da Soirée - Cristina Maia e Pauleska Nóbrega.

Aury Tertuliano, fará pontuações a partir de sua recém apresentada monografia de conclusão de curso 'Impasses no feminino: devastação em Camille Claudel'.

Delegação Goiânia/ Distrito Federal -Diretora de Biblioteca – Ordália Junqueira

09/04 – Exibição do filme de Joseph Attié apresentando seu livro: “Mallarmé O Livro: Estudo Psicanalítico”. Após exibição iniciaremos uma Conversação sobre o livro.

Local: Sede da Delegação Geral em Goiânia

Horário: 19h30

Responsável: Ordália Junqueira

Delegação do Espírito Santo – Diretora de Biblioteca – Tânia Prates

ATIVIDADES DA COMISSÃO DE BIBLIOTECA DA DELEGAÇÃO ES DA EBP

Leitura da Orientação Lacaniana 2013

No mês de abril continuaremos trabalhando o texto de Jacques-Alain Miller **Extimidad**.

Referência: MILLER, J. A. **Extimidad**. Buenos Aires: Paidós, 2010.

Coordenação: Tânia Mara Alves Prates (Aderente da Delegação ES da EBP) - Coordenadora da Biblioteca-Delegação ES

Data e Hora: Atividade semanal - terças-feiras, às 20 h 30 na sede da Delegação ES da EBP

Data	Capítulo	Apresentação
01 04 2014	XII – ¡Alarma de bomba!	Alberto Murta
08 04 2014	XIII – Frustración de goce. Frustración de amor	Olenice
15 04 2014	XIII – Frustración de goce. Frustración de amor	Olenice
22 04 2014	XIV – De la imagen de goce	Adelmo Rossi
19 03 2014	XIV - De la imagen de goce	Adelmo Rossi

Cinema e Psicanálise

Nesta atividade será apresentado um vídeo de entrevista com o psicanalista Joseph Attié, no qual ele apresenta e discute o seu livro, “Estudos psicanalíticos - Mallarmé, o livro”, lançado no Brasil em 2013 pela Editora Forense Universitária, com 568 páginas. Nesta ocasião serão vistos e discutidos tanto o livro, esta entrevista e fragmentos da obra de Mallarmé.

Data:

Sábado dia 12 de abril, às 9 h – “Apresentação de Estudos psicanalíticos - Mallarmé, o livro por seu autor Joseph Attié”, entrevista do autor para seus amigos brasileiros – 2014.

Bibliô Referências

MALLARMÉ / LACAN

Dedicamos este *Bibliô Referências* a “*Mallarmé O Livro. Estudo Psicanalítico*” - obra do psicanalista francês Joseph Attié publicado recentemente no Brasil pela editora Forense Universitária, graças à iniciativa de Manoel Barros da Motta. Vale ressaltar, além do valor da obra, o significativo prefácio assinado por François Regnault.

Publicamos aqui um comentário de Heloisa Caldas que não só investiga o texto, extraindo dele interessantes consequências, como mantém um diálogo rigoroso e criativo com a obra. Intitulando seu comentário *Uma perda seca*, ela discorre com precisão e elegância sobre uma frase do poeta “*tudo, no mundo, existe para culminar em um livro*” para poder concluir “que poeta e poesia vivem disso: da concretude diferencial de uma perda”.

Boa leitura!

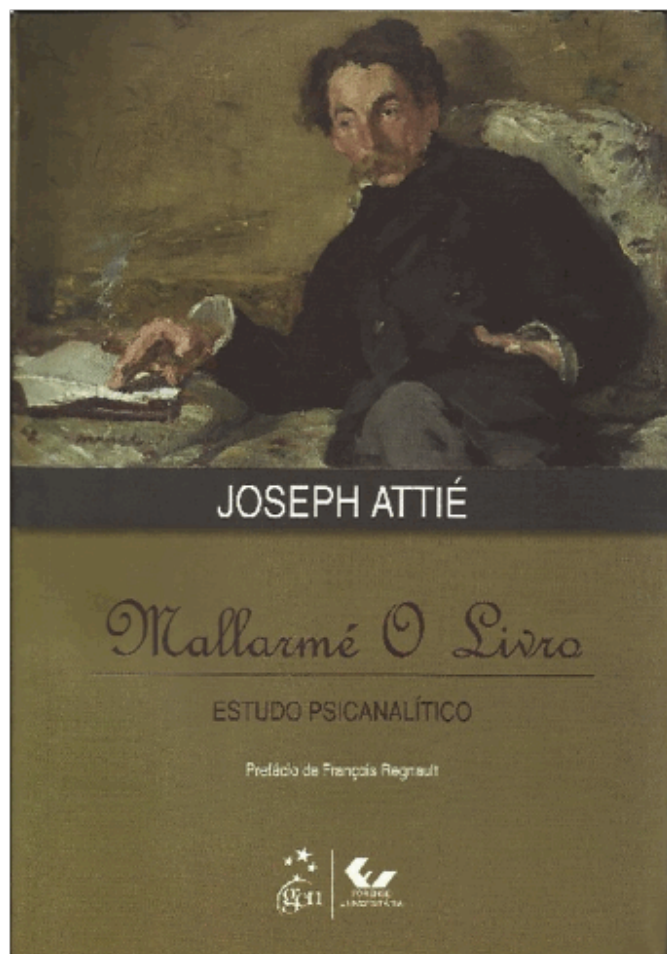
Mirta Zbrun

Sobre Stéphane Mallarmé: poeta e crítico literário, autor de uma obra ambiciosa e difícil, Mallarmé nasce em Paris em 18 de março de 1842 e morre em 9 de setembro de 1898. Começa a publicar seus poemas na revista *Le Parnasse contemporain* (O Parnaso Contemporâneo); dirigiu e escreveu *La Dernière Mode*. Destacou-se por uma literatura que se mostra ao mesmo tempo lúcida e obscura, promovendo uma renovação da poesia na segunda metade do século XX. Sua influência é fortemente sentida nos poetas contemporâneos. Figura central nos anos 1880 de um grupo de escritores, dentre os quais se destacam o poeta Paul Valéry e os romancistas André Gide e Marcel Proust. O poema experimental *Un Coup de Dés* (Um Lance de Dados), escrito em 1897 e publicado em 1914, será sua obra mais revolucionária.

Uma perda seca

Sobre Mallarmé O livro de Joseph Attié.

Por Heloisa Caldas



O que mais me chamou atenção no livro de Joseph Attié, *Mallarmé O livro*, – além obviamente

de nos oferecer um precioso estudo psicanalítico sobre literatura – foi a demonstração do matema sinthomático do escritor. Como Attié diz “falar do matema de sua vida é dizer que a escrita de seu sintoma, além do Nome-do-Pai, o prende a uma ordem de causalidade tal que isso foi vivido sintomaticamente por ele como a forma de sua criação poética”¹.

Isso nos lembra que o pioneirismo de Lacan para pensar o sinthoma – redução mínima do sintoma a um bem dizer da pulsão – partiu do estudo da arte e da vida de Joyce. Na mesma trilha, Attié nos ensina sobre o saber fazer de Mallarmé. Intitula, não por acaso, seu trabalho *Mallarmé O livro*, fazendo eco a “Joyce O sintoma”. ‘O livro’, repetidamente perseguido pelo escritor – que chegou a dizer: “tudo, no mundo, existe para culminar em um livro” – nomeia seu sinthoma.

A repetição, sabemos desde Freud, é do gozo. Um gozo que J.-A. Miller ressalta como impossível de negativizar e que escorre na escrita do escritor francês. Mallarmé foi um dos primeiros poetas a valorizar a letra como objeto; letra absconso, como ele a nomeia, signo por excelência, separado do campo da representação. Valendo-se dessa letra material, ele produz um objeto oco, objeto *a*. Sua escrita não vale tanto pelo que diz, mas pelo que ressoa. Resultado: o espaço virtual dessa escrita objeto denuncia seu caráter de furo. Entre o branco da página e a palavra, uma enunciação aponta ao fracasso da linguagem. O ritmo e a melodia do verso, que marcam o tempo na poesia, remetem sempre ao futuro anterior. Teria sido o que jamais foi ou será.

Em *Um lance de dados jamais abolirá o acaso*, o autor parece então alcançar sua letra de gozo, o significante, nos termos de Attié, que “vem fechar o trabalho de luto” de tantas perdas vividas numa “perda seca e definitiva”. Se o primeiro Mallarmé diria “inebriar-se sabiamente com o perfume da tristeza”, com *Um lance de dados* atesta uma subversão que lhe faz dizer “não, eu não tornarei a encontrar jamais o que perdi”.²

Encontramos aí a saída contingente do impasse que ele propõe: se nada ocupa um lugar, há apenas o lugar em si, um lugar em sua positividade residual. Se nada pode realizar seu sonho, ‘O livro’, Mallarmé desfia sua arte de lidar com o fracasso. Em termos de espaço, ‘O livro’ é não livro; em termos de tempo, seu advento teria sido. Duas formulações que negam a possibilidade de qualquer existência substancial de ‘O livro’. Por outro lado, demonstram, de forma cabal, o gozo que na repetição se reitera. Há ‘Um livro’ que ex-siste à poética que o evoca. Apenas sua identificação fracassada promove sua pouca identidade e sustenta, em um tempo eterno, o indomestível acaso. Se por essa via, o ideal de ‘O livro’ morre, ao mesmo tempo, a afirmação reiterada da diferença vivifica. Poeta e poesia vivem disso: da concretude diferencial de uma perda.

1 ATTÍE, J. (2013). Rio de Janeiro: Forense, p. 201-202.

2 Idem, p. 205.